Revista Espaço Acadêmico – n. 213 – Fevereiro/2019 – mensal
ANO XVIII – ISSN 1519.6186

RESENHA:
OMENA, Luciane Munhoz de; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. (Orgs.) **As experiências sociais da morte**: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Ed. Paco, 2017 (244 p.)

As múltiplas interpretações sobre a morte

DOUGLAS CASTRO CARNEIRO*

Este texto analisa o mais recente livro organizado por Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo Funari intitulado: "As experiências sociais da morte: diálogos interdisciplinares". O livro busca fazer uma síntese sobre as diferentes experiências sociais da morte até o presente momento.

O livro é dividido na seguinte seqüência: "Prefácio" de Renata Senna Garrafoni, "No Limiar da Morte: Homero" escrito por Ana Paula Pinto; "O ridículo de um Funeral: A simbologia da Morte na sátira *Apocolocyntosis* de Sêneca" de Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo de Abreu Funari; "A representação da morte nas moedas de Constantino" escrito por Cláudio Umpierre Carlan; "As experiências da morte no Rio de Janeiro colonial" Cláudia Rodrigues; "A morte, o morrer, o papel social da arqueologia na sociedade contemporânea" de Louise Prado Alfonso e Jaciana Marlova Gonçalves Araujo; "Um olhar indagador sobre os cemitérios: as representações modernas da morte" de Maria Elizia Borges; "In Memoriam" escrito por Flávia Regina Marquetti e "Rituais Funerários na região do pantanal de Cáceres, Mato Grosso, Brasil" de Nanci Nanci Vieira de Oliveira e Luciano Pereira da Silva.

Na apresentação da obra Luciane Munhoz de Omena afirma que, após uma viagem a Buenos Aires e uma visita ao cemitério da Recoleta, teve a idéia de aplicar o tema mortuário aos estudos do mundo romano. Este projeto aconteceu em parceria com o professor Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari no ano de 2014, com a divulgação dos primeiros trabalhos. Dois anos mais tarde essa parceria foi transformada em supervisão de pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas que rendeu diversos trabalhos e dois livros organizados por ambos os autores.

É imprescindível apresentar aos leitores perspectivas interdisciplinares e, por conseqüência, os autores optaram por abarcar diferentes períodos históricos, uma vez que a compreensão acerca da arqueologia mortuária engloba distintas épocas e áreas de conhecimento.

Podemos vislumbrar, a partir de uma riqueza documental em diferentes espaços temporais, a relevância do discurso interdisciplinar para a compreensão dos fenômenos culturais da morte. O prefácio, escrito por Garraffoni, faz uma breve síntese sobre o livro já que a cultura material e as escritas da antiguidade são a base para reflexões diversas sobre memória e narrativas de vidas. Se os textos constituem abordagens mais amplas e filosóficas sobre a morte, a cultura material permite pensar a diversidade cultural daqueles que não nos deixaram nada escrito.

No primeiro capítulo, Ana Paula Pinto chama atenção de seus leitores sobre a importância de Homero na história do ocidente. Tanto a Ilíada e a Odisséia iniciam num ponto em que a peripécia fundamental se encontra à beira do desenlace e surgem escritos num enquadramento comum, que a Antiguidade considerava não só num evento histórico autêntico, mas ainda o mais extraordinário de todos: *A Guerra de Tróia*. Ao fazer sobre o testemunho poético de Homero, a Antiguidade conceberia uma fronteira relativamente nítida entre a natureza dos seres divinos, dispensadores de dádivas, eternos habitantes olímpicos, dotados de imortalidade e de bem aventuranças.

No segundo capítulo, Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo de Abreu Funari buscam avaliar a simbologia da morte na sátira *Apocolocyntose* de Sêneca. A morte como materialidade marca o fim de uma existência. É o momento em que o homem toma consciência de si, e mediante ao falecimento do outro. Sabemos, pois, que a tradição literária legou-nos informações esparsas sobre os funerais, em geral, e mesmo sobre os imperiais há poucas informações precisas.

Tem-se, então, com relação ao préstito, a relevância da performance no aparato cerimonial, já que se colocaram em evidência, os símbolos institucionais do poder político. Partindo desses elementos, entendemos que essa narrativa satírica apresentava uma mistura de prosa e verso, cuja finalidade transcorria os caminhos da estética e da paródia. A morte do imperador representaria um tempo respaldado na harmonia que, simbolizada pela alegria, permitia aos juízes, naquele momento, exerceram suas funções, sem sofrerem e acusação de crime de lesa-majestade.

No terceiro capítulo, o historiador Cláudio Umpierre Carlan diz que no mundo romano os rituais funerários se modificavam através dos diversos ritos religiosos, idos do sepultamento à cremação, influência herdada dos etruscos e gregos. Carlan chama atenção do contexto histórico que depois da morte de Galério em 311, quatro imperadores disputavam o poder: Constantino, Maximino, Maxêncio e Licínio. Constantino além de mandar executar Licínio, seu cunhado, e o filho desse em 325, depois de prometer publicamente, executando o seu filho mais velho Crispo, segundo o comando e vencedor de Licínio na batalha naval de Crisópolis.

O quarto capítulo, escrito por Cláudia Rodrigues, dá um salto no tempo e no espaço que anteriormente dedicavam-se aos estudos da antiguidade. E chamam a atenção daquilo que não se pode ignorar: as vigências de práticas e representações relacionadas à morte e

aos mortos nas diferentes culturas precedentes no Rio de Janeiro colonial, a exemplo das indígenas e das africanas. Em que pese a diversidade étnica dos vários grupos indígenas que habitavam o território da América portuguesa no momento do contato com os europeus, é possível identificar, para além dos costumes funerários.

Apesar das resistências ou permanências, muitos dos índios aldeados mostraram-se abertos a conversão. E nesse processo estiveram presentes as amedrontadoras pregações jesuíticas, a exemplo daquelas que usavam a morte e o castigo para aqueles que eram tidos como pecadores. Rodrigues chama a atenção de seus leitores sobre a punição infernal no além-túmulo, muito usada durante a Idade Média, para convencimentos dos fieis para se preparem para a morte. Como se percebe, as representações do catolicismo sobre a necessidade de se preparar com antecedência para a morte tiveram repercussão no Rio de Janeiro.

No quinto capítulo, o objetivo Louise Prado Alfonso e Jaciana Marlova Gonçalves Araujo é usar a arqueologia como ferramenta para o estudo da morte e como ela tem a capacidade de tratar da finitude da vida. A preocupação com o papel social do arqueólogo ganhou forças com a arqueologia pós-processual que se preocupa com o contexto social, histórico e ético.

No sexto capítulo, Maria Elizia Borges afirma que os cemitérios convencionais secularizados brasileiros são sinais públicos implantados em meados do século XIX e que procuraram seguir um modelo de planta de concepção urbanística moderna. Borges afirma que isto ocorre para compreendermos as questões da afeição particularizada dos vivos para com os mortos no século XX.

Ao longo de todo o seu texto busca fazer uma síntese de todos os túmulos que eram visitados de escritores, arquitetos e artistas famosos ao longo destes cemitérios por toda a Europa. Procurando deter-se na ação das esculturas e dos monumentos funerários dentro de um circuito da produção e da apropriação.

No sétimo capítulo, a historiadora Flávia Regina Marquetti afirma que vivemos em um mundo imagético. Diversos pesquisadores propalam, desde a ótica da filosofia, a hegemonia da imagem de nossa era, seu *status* de verdade, ganha cada dia mais força. Olhar para o lugar dos mortos; necrópoles, estelas, cemitérios, túmulos e demais monumentos funerários é sentir a presença não só do falecido, mas também da finitude da vida, a imagem produz efeitos perturbadores para aquele que olha a sua presença, uma vez que concilia as lembranças com a noção de algo comunitário, que irá atingir, inexoravelmente, a todo ser vivente e a sua comunidade, algo comum no sentido mais pleno do termo.

Para Marquetti, a morte, a princípio, estava ligada a ritos iniciáticos, fundadores de uma ordem natural para a comunidade, criando uma imagem cíclica da vida, do tempo e daquilo que se foi, tornando-se essencial a presença nos ritos da natureza, em forma de flores, árvores elementos efêmeros, mas que se perpetuam.

No último capítulo, escrito por Nanci Vieira de Oliveira e Luciano Pereira da Silva, a área de estudo esta inserida no Pantanal do Corixo Grande Jauru-Paraguai também denominado de Cárceres ou de Descalvados. As estratégias de implantação dos assentamentos pré-coloniais na paisagem parece ser um elemento comum entre os povos que ocupam a

planície pantaneira. De forma diferente do aterro Jatobá, onde se observa tratamento diferenciado entre sepultamentos primários. Após uma análise criteriosa, podem-se apresentar algumas considerações: esse livro é uma obra que faz refletir sobre as experiências sociais da morte.

Os autores procuram fugir das análises tradicionalistas dos livros que nos são apresentados, demonstram grande erudição em seus argumentos e trazem luz a novos debates historiográficos em uma escrita leve e prazerosa de ser feita.

Recebido em 2018-11-26
Publicado em 2019-02-06

* **DOUGLAS CASTRO CARNEIRO** é doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás.